

BALANÇO 2016

AGROPECUÁRIA MINEIRA

PANORAMA GERAL

Faturamento total: R\$ 197,15 bilhões, crescimento de 5,18% em relação a 2015 (valor estimado).

PIB: os produtos agrícolas tiveram o melhor desempenho, faturaram R\$ 106,03 bilhões (53,8% do total), crescimento de 12,98% na comparação com os resultados de 2015. Já os produtos pecuários faturaram R\$ 91,12 bilhões (46,2% do total), queda de 2,64% em relação a 2015.

Balança comercial: US\$ 5,7 bilhões (até outubro/2016), que representa 45,8% do saldo do comércio internacional de Minas. Porém, na comparação com o mesmo período do ano anterior, o valor deste ano é 2,9% menor.

Exportações: US\$ 6 bilhões, queda de 1,7%, comparado a 2015.

Importações: US\$ 397,4 milhões, 12,7% a mais do que em 2015.

VBP (Valor Bruto da Produção): R\$ 62,34 bilhões.

CENÁRIO ECONÔMICO

Nacional: Este foi um ano de grandes desafios para as atividades econômicas no país. A palavra de ordem foi cautela. Mesmo para o agronegócio, que manteve positivos seus resultados, 2016 teve épocas de oscilações e incertezas.

O PIB nacional do agronegócio cresceu 3,43% nos primeiros oito meses de 2016, em comparação com igual período do ano anterior. Em Minas, o crescimento ficou em 5,18%. Os setores agrícola e pecuário tiveram valorização real dos preços, fator fundamental para o desempenho positivo deste ano.

Todavia, a perseverança da recessão econômica e o cenário político conturbado abalaram ainda mais a confiança do empresariado e geraram efeitos como altas taxas de juros e aumento do índice de desemprego (12 milhões de pessoas, segundo o IBGE). Nesse sentido, e com a inflação corroendo a renda das famílias, muitos produtos apresentaram queda em seu consumo.

Diante desse contexto, houve mais cautela nos investimentos e grande receio quanto às taxas de juros do Plano Agrícola e Pecuário (PAP), preocupações que se somaram às adversidades climáticas que afetaram as safras e o desenvolvimento das pastagens.

Mineiro: De acordo com dados da Fundação João Pinheiro, referentes ao 2º trimestre/2016, a atividade econômica do estado interrompeu a série de resultados negativos dos últimos cinco trimestres e cresceu 0,1% em relação ao trimestre anterior, contrariando o resultado nacional, que teve previsão de -0.6%.

O crescimento mineiro foi impulsionado pela indústria de transformação, extrativa mineral e pelo setor agropecuário. No comparativo, a agropecuária cresceu 2,4%, especialmente pelo desenvolvimento de algumas safras, como a do café.

Mesmo gerando resultados positivos, o setor agropecuário está vulnerável às ações (ou falta delas) dos governos e da conjuntura econômica. Orçamentos específicos para diversas ações em benefício do setor foram diminuídos ou sequer orçados nas esferas estadual e federal. Políticas públicas, como a de seguro rural – importante para auxiliar os produtores na mitigação de riscos – sofreram cortes significativos de orçamento. No estado, o Programa Minas + Seguro sequer está no planejamento orçamentário.

Muitos outros projetos e propostas que estavam em curso e diversas demandas apresentadas pelo setor têm ficado sem resposta, como a questão da (in)segurança pública e inadequações tributárias, que tiram a competitividade e afastam investidores. Todo esse cenário reflete diretamente nos demais serviços necessários ao setor, como a infraestrutura e a logística, bem como o fornecimento de energia elétrica.

ESTIAGEM

As chuvas no início do ano possibilitaram o desenvolvimento dos grãos na 1ª safra, porém não foram suficientes para sustentar a disponibilidade de água para as demais lavouras nas safras seguintes e a restauração das pastagens em todo o estado. A forte estiagem em abril comprometeu diversas produções, especialmente a de feijão, e adiantou o amadurecimento dos grãos de café. Este foi mais um ano de seca no estado, o que levou ao crescimento no número de decretos de situação de emergência junto ao Ministério da Integração: 159 municípios até o início de novembro. Em 2015, foram 147.

CUSTOS DE PRODUÇÃO

Os diversos setores pecuários registraram aumento de custos, especialmente no preço do milho e da soja, produtos que compõem a ração. Por outro lado, os preços dos fertilizantes ficaram menores, devido à valorização do real frente ao dólar entre janeiro e agosto e a baixa nos preços internacionais desses produtos, que resultaram em queda nas cotações dos principais adubos no mercado interno.

Em Minas, a parceria com a CNA para o desenvolvimento do Projeto Campo Futuro, de levantamento de custos de produção de diversas culturas, possibilitou a elaboração dos painéis para grãos (milho, soja, feijão), fruticultura (abacate), café, pecuária de corte, olericultura (cenoura, cebola), ovinos e caprinos, aquicultura (tilápia em tanque rede), cana-de-açúcar, silvicultura, avicultura e suinocultura nas diversas regiões do estado. A iniciativa é muito importante, uma vez que auxilia o produtor a identificar os principais fatores que oneram sua atividade e possibilita a adoção de estratégias para melhor controle.

CRÉDITO RURAL

O cenário de juros altos e instabilidade econômica e política deixou muitos produtores receosos em contratar financiamento público. Adicionado a isso, a interpretação equivocada da legislação ambiental por parte das instituições financeiras e a diminuição da disponibilidade de recursos nos bancos – devido à

diminuição dos saldos da poupança – são consideradas as causas na diminuição das contratações de crédito.

Para custear a última safra (2015/16), produtores preferiram utilizar mais o capital próprio e outras fontes de financiamento, como revendas, indústrias e cooperativas. Com o PAP (Plano Agrícola e Pecuário) 2016/17 sendo uma política emergencial para o produtor nesse tempo de crise econômica, muitos deverão, mais uma vez, adiar a tomada de empréstimos para investimentos em novas tecnologias.

Em Minas, como em outros estados, as linhas de pré-custeio foram lançadas em fevereiro, para que o produtor se programe para a safra 2016/17. Mas, o comprometimento financeiro dos produtores impossibilitou, em muitos casos, o acesso à linha, ainda que muitas estratégias tenham sido adotadas pelas instituições financeiras para a contratação.

Em julho, o PAP começou a ser aplicado e apresentou aumento no crédito para custeio, com juros controlados. No entanto, R\$ 53 bilhões – 26% de todo o volume de crédito – tinham como fonte as LCAs (Letras de Crédito do Agronegócio), com taxas de juros de 12,75% ao ano.

No geral, o PAP apresentou taxas de juros mais altas, o que não agradou ao setor produtivo. Mas isso já era previsto uma vez que a taxa básica (Selic) estava em tendência crescente, houve aumento da inadimplência e, conseqüentemente, do custo de captação dos bancos.

Nesse contexto, entre julho e outubro houve queda de 20% no número de contratos – de 92.500 para 73.637 – e de 7% no volume de crédito – de R\$ 7,5 bi para R\$ 7,01 bi – em comparação com o mesmo período de 2015. De acordo com o Banco Central, as operações de custeio caíram 22% neste mesmo espaço de tempo, passando de R\$ 4,63 bilhões para R\$ 3,59 bilhões, com reduções expressivas de financiamento oficial para café e soja. As operações de investimento também contraíram 11% em valor, atingindo R\$ 1,12 bilhão.

Até mesmo as linhas do Programa Agricultura de Baixo Carbono vêm sofrendo queda, ainda que este programa e as tecnologias preconizadas por ele sejam a melhor possibilidade para que os produtores mineiros tenham melhores resultados, especialmente com a recuperação de pastagens e a integração agricultura-pecuária-floresta. Porém, houve aumento das contratações nas modalidades de comercialização e agroindustrialização que, juntas, aplicaram R\$ 2,3 bilhões nos quatro primeiros meses da safra 2016/17.

ENDIVIDAMENTO E RENEGOCIAÇÃO

Com o agravamento da seca em diversas regiões do país, ocorreu comprometimento da capacidade de pagamento dos produtores nos locais mais afetados. Para tentar contornar a situação, foi trabalhada proposta junto ao governo federal, que culminou com a Lei nº13.340, que autoriza a liquidação e a renegociação de dívidas de crédito rural até setembro de 2017, contemplando produtores da área de abrangência da Sudene e outras localidades no país.

Em Minas, produtores de 168 municípios poderão se beneficiar com a medida, caso tenham contratado operações até 31 de dezembro de 2011. Também foram beneficiados os produtores inscritos em Dívida Ativa da União (DAU), que terão o saldo devedor consolidado, com descontos que variam de 60% a 95%, e ainda contam com a garantia de que não terão novas execuções até 29 de dezembro de 2017.

SEGURANÇA NO CAMPO

A criminalidade nas áreas rurais mineiras aumentou. Para buscar soluções e cobrar o reestabelecimento da ordem na segurança pública, o Sistema FAEMG, ao longo de 2016, promoveu reuniões junto aos órgãos estaduais. Adicionalmente, estimula os sindicatos a estabelecer comunicação com as polícias militar e civil em seus municípios, para que as ocorrências não deixem de ser registradas e para desenvolver estratégias de proteção ao homem no campo.

EXPORTAÇÕES (dados de janeiro a outubro/16)

As exportações do agronegócio mineiro renderam US\$ 6 bilhões, 1,7% a menos que em 2015. Já o volume embarcado, de 7,8 milhões de toneladas, cresceu 16,7%. O agronegócio foi responsável por 34% das exportações totais do estado.

Café: foram vendidas 17,4 milhões de sacas (+5,3%), somando US\$ 2,7 bilhões. O resultado confirma a *commodity* como o principal produto da pauta de exportações do agronegócio mineiro.

Complexo sucroalcooleiro: com faturamento total de US\$ 970,4 milhões (+50,7%), correspondente à venda de 2,7 milhões de toneladas (+38,9%), passou a ocupar a segunda posição no ranking das exportações do agronegócio mineiro. O açúcar foi o responsável pelo bom desempenho. O estado exportou 2,69 milhões de toneladas (+40,8%), gerando US\$ 940,5 milhões (+53,6%).

Complexo soja: foi responsável por 14,6% das vendas do agronegócio mineiro, ocupando o 3º lugar. Gerou US\$ 897,1 milhões (+5,3%), com o embarque de 2,4 milhões de toneladas (+13,2%).

Carnes: totalizaram US\$ 641,4 milhões (-1,9%). Apenas a comercialização de carne bovina registrou queda em relação ao ano passado, com faturamento de US\$ 292,8 milhões (-11,1%). Os demais tipos de carnes tiveram bom desempenho. Frango: US\$ 258,6 milhões (+2,9%); peru: US\$ 42,4 milhões (17,6%) e suína: US\$ 33 milhões (+48,3%).

Destinos: os países que mais compraram produtos mineiros foram: China (US\$ 997,9 milhões), Estados Unidos (US\$ 668,9 milhões), Alemanha (US\$ 596,6 milhões) e Itália (US\$ 342,4 milhões).

O Sistema FAEMG tem desenvolvido diversas iniciativas para ampliar a internacionalização dos produtos do agronegócio, como aproximação com embaixadas, consulados e câmaras de comércio de países com tradição na importação de produtos do setor, para mostrar o potencial produtivo de Minas. A promoção da Semana Internacional do Café, que conta com a participação de outros parceiros, e que em 2016 ampliou a visibilidade dessa cadeia produtiva e a participação de compradores internacionais.

Também tem trabalhado em conjunto com a CNA na Rede Interagro (Rede Agropecuária de Comércio Exterior). Essa é uma grande articulação que conta com a APEX-Brasil como indutora e suporte dos trabalhos, de modo que sejam mapeados e

integrados setores produtivos e empresas com potencial exportador, além de capacitá-los à atividade.

PERSPECTIVAS 2017

Conjuntura externa

Os altos níveis de estoques globais deverão manter os preços dos alimentos baixos. A China deve vender grande parte de suas reservas, corroborando com essa expectativa. As incertezas causadas pelo cenário político nos países desenvolvidos, como a expectativa do que virá do presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, e da série de eleições agendadas na Europa, deixam em suspenso o rumo das políticas externas e, conseqüentemente, dos acordos comerciais.

O fator câmbio poderá ser favorável às exportações de commodities, por um lado, mas desfavorável para a compra de defensivos agrícolas e fertilizantes importados. O que se pode afirmar com um pouco mais de certeza é que os movimentos migratórios e as expansões demográficas pelo globo continuarão pressionando a demanda por carnes, lácteos e ração animal.

Cenário Nacional

Todo o país aguarda as medidas de ajuste fiscal que o governo prometeu e acompanha a PEC do “teto dos gastos”, aprovada pelo Congresso Nacional, e que é fundamental para a retomada ordenada dos investimentos pelo governo e do retorno da confiança do setor produtivo nas decisões e na economia. Outro quesito que está sendo aguardado é o encaminhamento ao Congresso, da proposta de Reforma da Previdência.

Mas mesmo com esses temas essenciais se desenrolando, é necessário que o setor se mantenha vigilante e trabalhe em conjunto para que as políticas públicas para o agronegócio não sejam relegadas, mas construídas para o horizonte de longo prazo. Nesse sentido, é fundamental para o setor o real mapeamento da produção, por meio do Censo Agropecuário. O último foi realizado em 2006. É notório o desenvolvimento do campo brasileiro e, especialmente em Minas, em dez anos. O novo presidente do IBGE já destaca a importância de alteração na metodologia de levantamento das informações, considerando também dados ambientais, além de aumentar a frequência dos censos e garantir sua periodicidade. Esperamos o anúncio de realização do estudo em 2017.

PERSPECTIVAS CLIMA

Para 2017, há previsão de chuvas dentro da normalidade para a região Sudeste, o que favorece o setor produtivo nas culturas de verão e de pastagens.

CARNES

Balanço 2016

O VBP (Valor Bruto da Produção) da pecuária brasileira em 2016 deve cair 2,5% ante 2015 e atingir R\$ 519,3 bilhões, de acordo com o MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento). Com base no faturamento global dentro da propriedade rural até outubro, o VBP da pecuária teve queda de 3,7%.

Bovinos

VBPMG 2016: R\$ 6,7 bilhões, queda de 13,8%. De janeiro a outubro foram abatidas 2,02 milhões de cabeças (8,6% do rebanho).

Minas tem o segundo maior rebanho de bovinos do país, 23,7 milhões de cabeças (11,1% do total). Em 2016, a oferta restrita rendeu bons preços para o boi magro e a arroba do boi gordo, resultando em ciclo de queda nos abates e na retenção de matrizes. A expectativa é fechar o ano com taxa de abate em torno de 11,5% do rebanho mineiro, redução de 12,2% em relação a 2015.

Devido à recessão, houve queda no consumo de carne. O equilíbrio entre oferta e demanda ditaria a queda no preço da arroba, entretanto, isso não ocorreu, o que resultou na escala de abate ajustada para os frigoríficos.

A melhor hipótese para a sustentação do preço da arroba é a escassez de boi terminado para o abate devido à alta do mercado de reposição (bezerros, garrotes, bois magros), uma vez que os pecuaristas seguraram o gado até que encontrassem as categorias de reposição a preços convenientes. O preço médio da arroba pago ao produtor mineiro em novembro foi de R\$ 148, valor 2,7% acima do mesmo período de 2015.

As exportações perderam fôlego devido às dificuldades econômicas enfrentadas por alguns dos principais importadores. Nos 10 primeiros meses de 2016, as vendas externas de carne bovina mineira caíram 11,1% em receita e 5,6% em volume, comparando com o mesmo período de 2015. Além das exportações de carne, segundo o MDIC, de janeiro a outubro, o Brasil exportou 226,4 mil animais, 20,8% a mais que em 2015. Os principais compradores foram Turquia, Líbano e Egito.

O confinamento, que poderia ser a estratégia adotada pelo pecuarista no período de entressafra para intensificar o ciclo de engorda dos bovinos, não pode ser usado em diversas praças, e deve ter redução de 11% a 15% este ano, para 4,6 milhões de cabeças em todo o Brasil. A queda é explicada pelo aumento do preço doméstico do milho e pelos altos custos da reposição.

O cenário atual, com a proximidade do fim da segunda etapa da campanha de vacinação contra febre aftosa, tem reforçado a baixa liquidez no mercado de bezerros. Nos segmentos industrial e atacadista os volumes negociados também têm sido limitados por causa da baixa oferta de animais e do consumo desaquecido, o que resulta em margem estreita para a cadeia produtiva. O cenário para o mercado de reposição é de estabilidade. A chegada da chuva e a conseqüente melhora das pastagens provoca maior movimentação no mercado.

Perspectivas 2017

A previsão é que o VBP da pecuária fique em R\$ 562,5 milhões, 8,3% maior que 2016. Há otimismo com relação às exportações de carne *in natura* para os Estados Unidos, mercado conquistado em setembro deste ano. Isso poderá elevar a produção em

toda a cadeia da carne bovina, contribuir para a geração de emprego no setor e abrir outros mercados para o produto. O Brasil deve buscar novos mercados, como Japão, Coreia do Sul, Taiwan e Indonésia, para manter a competitividade das exportações. Outro nicho de mercado para o segmento da carne bovina que tem crescido e criado valor agregado interessante para a cadeia produtiva é a carne gourmet. Dentro da porteira o pecuarista deve se preocupar com o incremento produtivo, aumentar a produtividade e a qualidade do produto.

A criação do FUNDESA (Fundo Sanitário em Minas), esperada desde 2015, é outra boa expectativa para 2017. A iniciativa possibilitará a abertura de novos mercados para a carne, fomentando as exportações e dando novo fôlego ao agronegócio mineiro.

Suínos

VBP MG 2016: R\$ 1,8 bilhão, queda de 3,6%.

Produção total mineira: 460 mil toneladas, 4,9% superior a 2015.

O quarto maior plantel do país é o mineiro, são 5,2 milhões de suínos, 12,5% do rebanho nacional. No início do ano a suinocultura registrou aumento dos abates em decorrência da elevação dos custos de produção e estreitamento da margem líquida. Isso fez com que a oferta reduzisse no fim deste ano e tem mitigado relativamente a queda acentuada do preço pago ao produtor.

Em novembro, o preço chegou a R\$ 4,40/kg em Minas. No acumulado dos últimos 12 meses, a alta foi de 7,2%. Outro fator importante em 2016 foi o incremento nas exportações. As vendas aumentaram 69,7% em volume e 48,3% em receita, entre janeiro e outubro de 2016, comparado ao mesmo período do ano anterior. O faturamento chegou a US\$ 32,9 milhões. Os principais destinos foram Rússia, Hong Kong e Cingapura.

Perspectivas 2017

A tendência é que o preço pago ao produtor se mantenha em patamares favoráveis, em função das festividades de fim de ano e de manutenção do consumo, a depender do cenário econômico da população brasileira.

Frango

VBPMG 2016: R\$ 2,5 bilhões, queda de 2,1%.

Brasil: A produção brasileira de frango cresceu 1% este ano, chegando a 11,3 milhões de toneladas. O preço médio pago ao produtor em novembro foi de R\$3,30/kg, valor estável na comparação com o mesmo mês de 2015. No acumulado do ano, a variação foi positiva, em torno de 20%. As exportações aumentaram 5% nos 10 primeiros meses deste ano em relação ao mesmo período de 2015. O valor médio do frango vivo em 2016 está quase 12% acima do registrado no ano passado.

Minas Gerais: A estimativa é encerrar o ano com produção de 861 toneladas de carne de frango, volume 3,8% menor que o de 2015.

As exportações, entre janeiro e outubro, somaram 179,2 mil toneladas, gerando US\$ 258,6 milhões, alta de 10,9% no volume e de 2,9% no faturamento, em relação a 2015. Os principais destinos foram China e Hong Kong.

O *status* sanitário nacional, com o reconhecimento pela OIE (Organização Mundial da Saúde Animal), de que Minas Gerais e outros 13 estados, mais o DF são livres da peste suína clássica é ponto favorável à abertura de novos mercados.

O custo de produção elevado das granjas perdurou durante todo este ano. O maior desafio dos produtores foi adequar o valor pago pela carne ao aumento de preços dos principais componentes da ração animal.

Ovinos

A criação de ovinos tem demonstrado ser boa alternativa de diversificação de atividade e renda para os produtores. O consumo da carne de cordeiro no Brasil ainda é modesto (1 kg per capita), mas a tendência é crescer. De 2001 a 2014, o rebanho brasileiro cresceu 20,34%, chegando a 17,6 milhões de cabeças. Em Minas, no mesmo período, o aumento foi de 60,73%, somando 209,6 mil cabeças. Segundo o IBGE, este número cresceu 3,84% no ano passado, para 217,6 mil ovinos, montante que representa 1,2% do rebanho nacional, mas tende a continuar crescendo.

OUTROS PRODUTOS PECUÁRIOS

Ovos: O VBP do segmento em Minas este ano está estimado em R\$ 932 milhões, 19,8% maior que o de 2015. A produção mineira deve ficar em torno de 293 milhões de dúzias, queda de 8,3% sobre 2015. O preço médio recebido pelo produtor subiu 17% e, em novembro, ficou em R\$ 2,95/dúzia. O faturamento teve aumento aproximado de 20% no primeiro semestre. As exportações mineiras nos primeiros dez meses de 2016 caíram 58,7% em volume e 62,3% em receita.

Codornas: Minas Gerais segue na 3ª colocação no efetivo de codornas, representando 7,2% do montante nacional, atrás de São Paulo e Espírito Santo, com 1,57 milhão de cabeças.

Apicultura: A produção de mel em Minas aumentou 15,7%. O estado detém 11,6% da produção nacional do alimento, mantendo a 4ª posição. Nos primeiros 10 meses de 2016, exportou 1,7 milhão de toneladas de produtos apícolas, que geraram receita de US\$ 8 milhões.

Aquicultura: Minas ocupa a 8ª colocação no ranking de pescado continental, com 22 milhões de kg e imenso potencial de crescimento, principalmente na criação de tilápia, que deve acompanhar a escala de produção brasileira.

LEITE

Balanço 2016

Brasil

Produção total estimada: 35 bilhões de litros, crescimento de 1% em relação a 2015.

Minas Gerais

Produção estimada: 9,6 bilhões de litros, aumento de 2% em relação a 2015.

VBP estimado: R\$ 11,3 bilhões, crescimento de 11,7%.

Minas é o maior produtor de leite do país, com 27% da produção nacional. Segundo o IBGE, o rebanho do estado é de 5,9 milhões de vacas ordenhadas, com produtividade média de 1,6 mil litros/vaca/ano, 54,2% abaixo da produtividade mundial, que tem média de 3,5 mil litros/vaca/ano.

O preço médio do leite pago ao produtor mineiro em outubro foi de R\$ 1,55/litro, 43,7% superior a outubro de 2015. O preço do produto se valorizou, mas o custo de produção aumentou 16,2%. Os principais itens que impactaram nesta conta, além da mão de obra, foram: concentrados proteicos e energéticos (+18,14%), qualidade do leite (+16,72%), suplemento mineral (+13,69%), sanidade (+9,04%).

As adversidades climáticas também pesaram, prejudicando a produção de alimentos e encarecendo a ração. Outras dificuldades foram o aumento desordenado das importações de lácteos, a estagnação do consumo interno e a manutenção do preço do leite em pó no mercado externo em patamares semelhantes aos valores de 2015 (US\$ 2.304/ton).

Balança comercial: Com a desvalorização do leite em pó no mercado internacional e taxa cambial favorável, as importações brasileiras de lácteos tornaram-se atrativas, o que culminou no incremento de 76,4% em volume e 45,3% em receita, nos primeiros dez meses do ano. Enquanto as exportações brasileiras decresceram 28% em volume e 48% em valor, o resultado da balança comercial dos lácteos foi um déficit de US\$ 397,7 milhões. Já em Minas Gerais, as exportações caíram 34,3% em volume e 59,4% em receita.

Balde Cheio: Em ano de altos custos de produção e desvalorização do produto final, foi grande a procura dos produtores mineiros pelo Balde Cheio. O programa de assistência técnica, conduzido em Minas Gerais pela FAEMG, capacita produtores para melhor gerir a propriedade. Os resultados são a redução dos custos e o aumento da produtividade por área, aumentando a lucratividade. O Balde Cheio fecha 2016 com mais de 2,5 mil produtores atendidos em 325 municípios, por 220 técnicos e está preparado para aumentar a demanda em 2017.

Perspectivas 2017

Para o próximo ano, a tendência é de valorização do leite no mercado internacional, há previsões de que o preço possa chegar a US\$ 3,518/tonelada. Caso a taxa cambial atual se mantenha, o cenário será muito favorável às exportações. Há ainda a possibilidade de abertura de novos mercados internacionais a partir da criação do

FUNDESA. O momento é ideal para que o produtor se prepare e invista para aumentar a produção e melhorar a qualidade do leite para aproveitar as oportunidades que poderão se abrir.

Fundo: O setor espera a criação do FUNDESA (Fundo Sanitário Animal), que auxiliará o PNCEBT (Programa Nacional de Controle e Erradicação da Brucelose e Tuberculose Animal). O fundo possibilitaria indenização, inclusive, para possíveis casos de febre aftosa (segundo o MAPA a previsão é conquistarmos o *status* de área livre de febre aftosa sem vacinação em 2018).

Conseleite: Outra expectativa dos produtores mineiros de leite para 2017 é a criação do Conseleite, que viabilizará um diálogo consistente com a indústria para o estabelecimento do preço base de comercialização do leite no estado.

IN62: O setor se prepara ainda para se adequar aos novos parâmetros de qualidade do leite da Instrução Normativa 62.

CAFÉ

Balanço 2016

Brasil

Produção estimada: 49,6 milhões de sacas (aumento de 14,8% em relação à safra anterior - CONAB).

Minas Gerais

Minas é o maior estado produtor, sendo responsável por 58% da produção nacional. O ano de 2016 começou com boas expectativas de produção de café no estado, muito em razão do bom pegamento dos grãos e lavouras carregadas. A safra fechou em 28,9 milhões de sacas, 29,7% a mais que a anterior. Ano considerado de safra cheia, a recuperação dos cafezais mineiros foi surpreendente. Tivemos problemas climáticos pontuais, como chuva no início da colheita, geada, granizo, altas temperaturas e falta de chuva, fatos que, de certa forma, prejudicam a produção da atual safra e da próxima. Nesse contexto, os preços dos cafés arábica e robusta tiveram reação positiva ao longo do ano.

O café se mantém como o principal produto do agronegócio mineiro. É responsável por 45,1% das exportações do setor no estado, acumulando US\$ 2,7 bilhões entre janeiro e outubro de 2016. A Alemanha continua sendo o principal importador (21,1%), seguida pelos Estados Unidos (20,5%) e Itália (10,7%).

Ações de promoção do café pelo Sistema FAEMG

*Organização e realização da 4ª (SIC) Semana Internacional do Café, com eventos simultâneos: Fórum da Agricultura Sustentável, DNA Café, Copa Barista, Concurso Coffee of the Year 2016, Cafés da Semana e Espaço Café+Forte.

*Apresentação, valorização e degustação dos "Cafés de Minas", contextualizando as principais características da bebida produzida no Cerrado, Sul, Mantiqueira, Matas de Minas e Chapada.

*Expansão do Programa Café+Forte.

Perspectivas 2017

A safra do próximo ano será de ciclo baixo, de acordo com o histórico do café, e ainda será agravada por questões climáticas. Muitas lavouras apresentaram estado vegetativo ruim após a colheita. Além disso, vários produtores adotaram o sistema "safra zero", realizando podas em lavouras para obter melhor produtividade nos próximos anos. Mas somente o tempo dirá o real impacto disso na produção mineira.

GRÃOS

Balanço 2016

Brasil

Produção total: 186,4 milhões de toneladas, queda de 10,3% em relação à safra 2014/15

Soja: 95,4 milhões de toneladas: -0,8%

Milho: 66,98 milhões de toneladas: - 20,9%

Feijão: 2,64 milhões de toneladas: -15%

Sorgo: 1,16 milhão de toneladas: - 44,5%

Minas Gerais

A produção mineira de grãos foi de 11,76 milhões de toneladas, colhidas em área plantada de aproximadamente 3,17 milhões de hectares. Apesar de registrar forte queda (43% do milho e 34% do sorgo) na produção das culturas na segunda safra devido ao mês quente e seco de abril, o milho, com 5,85 milhões de toneladas e a soja, com 4,75 milhões, foram os destaques da produção mineira.

O cenário econômico geral foi melhor para os produtores do que em 2015, com preços bem superiores. O preço do milho remunerou o produtor em 48,5% este ano, e a soja, 4,5%, até outubro deste ano, em comparação com o ano passado. Os preços mais altos foram uma combinação de fatores: demanda aquecida pela pecuária, aumento das exportações e quebra drástica da safra no estado e em grande parte do país, na segunda safra, por causa do forte calor e ausência de precipitações no mês de abril.

No caso da soja, as exportações, principalmente para a China, foram uma das responsáveis pela alta liquidez do produto. O dólar valorizado também ajudou a manter os preços elevados para o produtor.

Minas é um dos principais produtores de feijão do país. Na safra 2015/16 foram produzidas 524 mil toneladas, contra 509 mil na safra anterior, alta de 2,9%. Com severa quebra de safra do Paraná, maior produtor nacional, Minas ajudou a abastecer o resto do país. Os preços se elevaram bem acima do normal durante grande parte de 2016 e assustaram os consumidores, já que a demanda permaneceu aquecida e a oferta reduziu drasticamente.

A produção do sorgo cultivado na segunda safra, também foi prejudicada pela falta de chuva e o forte calor. Em função do bom preço pago pelo milho na época que antecedia o plantio, a área cultivada de sorgo caiu 18%.

Perspectivas 2017

Brasil

Produção total de grãos: 215 milhões de toneladas, 15,6% a mais que a safra 2015/16
Soja: 103,5 milhões de toneladas. Safra recorde – se se concretizar, será a primeira acima de 100 milhões de toneladas

Milho: 84,6 milhões de tonelada, aumento de 27,1%

Sorgo: 524 mil toneladas, elevação de 51%

Feijão: 543,1 mil toneladas, aumento de 3,45%

Minas Gerais

Até o momento, as lavouras apresentam bom desenvolvimento e há perspectiva de safra recorde. Caso as precipitações continuem favoráveis nos próximos meses, a

expectativa é de que Minas produza 13,5 milhões de toneladas de grãos. A demanda externa pela soja continua elevada e com boa remuneração para os produtores, mesmo com a grande safra dos Estados Unidos. Em Minas, o volume produzido deverá cair 4%.

Já o milho, produto que faltou no mercado este ano, deve ter a área de plantio ampliada em 3,3%, aumentando a produção em 30%, atingindo 7,6 milhões de toneladas, a maior produção desde 2011/12, revertendo quatro safras consecutivas de queda. Mesmo com essa previsão é preciso ficar atento ao estoque do produto, já que a demanda da pecuária continua elevada.

A produção do feijão deve aumentar 3,5%, o que poderá reduzir o preço pago ao produtor.

Devido à quebra do milho na segunda safra 2015/16, os agricultores ficaram encorajados a plantar sorgo, por ser mais tolerante ao estresse hídrico e às temperaturas elevadas. A produção deve aumentar acima de 50%, sendo mais uma opção de alimento para os rebanhos.

CANA-DE-AÇÚCAR

Balanço 2016

Brasil

Produção total: 684,7 milhões de toneladas, 3% a mais que 2015 (CONAB).

Minas Gerais

O Estado é o 3º maior produtor de cana-de-açúcar, atrás de SP e GO, e 2º em açúcar e etanol, perdendo para SP. A crise que há alguns anos assombra o setor sucroenergético tem sido menos sentida em 2016. O segmento ganha fôlego por causa dos bons preços do açúcar no mercado internacional e do câmbio favorável para exportação, o que motivou as usinas a produzirem mais açúcar.

A safra 2016 é estimada em 63 milhões de toneladas (-3% que a anterior). Devem ser produzidos 3,8 milhões de toneladas de açúcar (+32,49%) e 2,6 bilhões de litros de etanol (+0,41%). A produtividade dos canaviais este ano ficou menor, mas a qualidade da matéria-prima foi superior e favoreceu a expansão dos produtos finais.

Os bons preços e o consequente aumento de produção tiveram influência na balança comercial mineira este ano. Entre janeiro e outubro, o faturamento das exportações de açúcar aumentou 53,5% em comparação com o mesmo período de 2015, tendo como principais destinos Bangladesh (14%), China (10%) e Índia (9,3%). Em 2016 o etanol perdeu competitividade frente a gasolina. Vários fatores contribuíram para isso: a flexibilidade das usinas, o melhor preço do açúcar e a falta de um marco regulatório, que indique qual é o papel do etanol na política de combustíveis do estado.

Perspectivas 2017

A previsão da safra de cana-de-açúcar menor em 2017/18 é reflexo do pouco investimento na renovação dos canaviais, estimulado pelo longo período de preços baixos até o início deste ano. Em Minas, a idade média dos canaviais é de 3 anos e 6 meses, para uma cultura que pode resistir a até 6 anos, mas com produtividade reduzida anualmente. Estima-se que o mercado de açúcar prevaleça aquecido, uma vez que o déficit mundial ainda é grande e o Brasil é o principal produtor/exportador, responsável por mais da metade do açúcar comercializado no mundo.

Já para o etanol há ações que poderão desfavorecer o segmento, como o Projeto de Lei 3810/2016, que volta a alíquota do ICMS do etanol, de 14% para 20%, e da gasolina, de 29% para 30%. A redução do imposto em março/2015 permitiu ganhos para a cadeia da cana-de-açúcar ao estimular a venda do biocombustível, que chegou a consumo recorde: 138,8% entre janeiro e dezembro de 2015.

A geração de bioeletricidade por meio da cana-de-açúcar tem grande potencial e diversas oportunidades. A utilização dessa fonte é vista como promissora por atender o acordo firmado durante a COP-21 (Conferência das Partes sobre Mudanças do Clima) e as metas estabelecidas para conter a emissão de gases do efeito estufa que, em breve, entrarão em vigor.

SILVICULTURA

Balanço 2016

Brasil

7,8 milhões de hectares plantados (+0,8% em relação a 2014, principalmente novos plantios em MS, PR, GO e SC).

Minas Gerais

De acordo com dados da IBA (Indústria Brasileira de Árvores) Minas possui a maior área de reflorestamento do Brasil, com 1,4 milhão de hectares (2,6% do território mineiro), sendo que 97,4% são ocupados por eucalipto. Ao comparar com o ano anterior, houve queda de 0,5%. A produção florestal no estado representa 82,8% do carvão vegetal produzido no Brasil, 10,9% da lenha, 10,7% da celulose e 10% da madeira em tora para outras finalidades. Até agosto/2016, o PIB dos produtos florestais em Minas somou R\$ 4,1 bilhões, aumento de 2,5% em relação ao ano anterior. Vale destacar que, majoritariamente, o valor adicionado é oriundo do segmento de celulose (96%).

Em 2015, a produção mineira de madeira em tora para papel e celulose foi de 8,2 milhões de m³, montante 8,3% superior ao de 2014. Minas é o 5º maior estado produtor deste segmento, atrás de SP, BA, PR e MS.

Já o mercado de carvão vegetal, considerado um dos insumos mais importantes da siderurgia, registrou queda de 14,2% em sua produção, que ficou em 4,4 milhões de toneladas. O segmento ainda passa pela retração do consumo do setor automotivo e baixa competitividade dos siderúrgicos nacionais frente ao mercado internacional.

Os produtores mineiros têm dificuldade de destinar a madeira para outros segmentos, pois as variedades utilizadas foram disponibilizadas para a siderurgia. Com a crise, o produtor fica a mercê da recuperação e vende a madeira a preços não remuneradores.

A FAEMG vem atuando constantemente junto a importantes parceiros do setor florestal. Participa da Câmara Técnica de Silvicultura da SEAPA e articula junto ao PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), o projeto Siderurgia Sustentável, na busca de ações para o setor.

Perspectivas 2017

Dados do INAES e do SEBRAE apontam que o setor em Minas deixou de atrair investimentos, caindo da 2ª para a 4ª posição no setor florestal. Muitos investimentos têm sido direcionados a outros estados e a países vizinhos. Isso se deve, principalmente, a entraves burocráticos, mas também à disseminação de informações, de conhecimento técnico e de mercado.

A expectativa para o curto prazo é de que a atratividade florestal possa ser revista e renovada, para que o setor passe pela crise com boas perspectivas no longo prazo. Com a prorrogação do CAR (Cadastro Ambiental Rural) para dezembro de 2017, os produtores florestais poderão melhorar a gestão ambiental e territorial de suas propriedades. Esperam-se mais investimentos em projetos de ILPF (Integração Lavoura-Pecuária-Floresta), vistos como alternativa interessante aos produtores mineiros, no atendimento a indicadores econômicos e ambientais. O trabalho com energia da biomassa também poderá ser mais uma alternativa para o setor.

FRUTICULTURA

Balanço 2016

A produção de frutas em Minas é diversificada e os cultivos são estabelecidos de acordo com o clima de cada região. Enquanto no Sul frutos de clima frio, como morango, pêssego e nectarina, se destacam, no Norte são cultivados manga, mamão, limão e banana. No Triângulo, abacaxi e laranja são produzidos em grande escala, e o abacate ganha cada vez mais espaço no Alto Paranaíba.

O VBP (Valor Bruto da Produção) da banana este ano está estimado em R\$ 1,55 bilhão, 32,4% maior que o de 2015. A laranja também apresentou crescimento de 23,9% no mesmo período, com VBP estimado em R\$ 373 milhões.

Em 2016, entre as principais ações da FAEMG para o setor, estão o apoio ao combate a doenças importantes e que podem causar danos severos à produção de citros, e a criação da Comissão Técnica de Fruticultura para discutir ações e medidas mais eficazes para o setor. Além dessas, foi solicitada junto à CNA e ao MAPA a realização de novo estudo para que o ZARC (Zoneamento Agrícola de Risco Climático) seja alterado, para contemplar a produção das principais frutas produzidas no estado, como abacate, mamão e manga.

Abacaxi

Com 90% da produção no Triângulo, o volume colhido na safra 2015/16, de 252 mil toneladas, foi 4,18% menor que o da safra anterior. A área plantada também foi menor, passou de 8,6 mil hectares para 7,9 mil.

Banana

Uma das principais frutas produzidas no estado, com predominância de cultivo na região Norte, a banana registrou queda de 3,72% na produção, que caiu de 796 mil toneladas para 766 mil. A área plantada também reduziu de 45,6 mil hectares para 45,2 mil, 0,77% menos que em 2015. A produtividade acompanhou a tendência de queda e foi de 17.455 kg/ha para 16.936 kg/ha.

Laranja

A produção de laranja caiu de 987 mil toneladas na safra 2014/15, para 951 mil, na safra 2015/16. A área plantada reduziu em 4,7%, passou de 44 mil hectares para 42 mil. Por outro lado, a produtividade aumentou 1%. A média da safra 2014/15 foi de 22.428 kg/ha contra 22.664 kg/ha na safra posterior.

Perspectivas 2017

A demanda por frutas no Brasil deve aumentar em 2017, depois da publicação de uma pesquisa da ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), que confirma a segurança dos produtos in natura cultivados no país, para o consumo humano. O PARA (Programa de Análises de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos) focou no monitoramento do risco agudo para a saúde humana.

Outro ponto positivo até o momento é a quantidade de chuvas nas regiões produtoras. Como a fruticultura é uma atividade que depende quase totalmente da irrigação, a maior segurança hídrica poderá estimular o cultivo de frutas.

OLERICULTURA

Balanço 2016

O clima este ano teve grande impacto na produção de hortifrútiis. Dois fatores inversos contribuíram para o desabastecimento: a geada e a seca. O mês de abril foi quente e seco em grande parte do país, o que afetou a produção nacional. Em maio e junho o problema foi o rigoroso inverno, principalmente na região Sul. As geadas provocaram a falta de produtos nos mercados sulistas, que recorreram ao Sudeste. Minas ajudou a abastecer o Sul do Brasil, fato que elevou o preço de vários hortifrútiis.

Alho

O bom preço de 2016 estimulou o aumento de plantio. Rio Paranaíba, que detém 70% da produção mineira, elevou 25,6% a área de cultivo, que passou para 3,2 mil hectares. A produção foi de 36 mil toneladas na safra anterior, para 47,7 mil, nesta.

Batata

A produção aumentou 1,5%, de 1,21 milhão de toneladas na safra 2014/15 para 1,23 milhão, em 2015/16. A área colhida reduziu um pouco, de 38,7 mil/ha para 38,67 mil/ha. Mas a produtividade aumentou de 31.330kg/ha para 31.830.

Tomate

Na safra passada foram produzidas 544 mil toneladas, contra 541 mil na anterior. A área de cultivo se manteve próxima de 8 mil hectares.

Perspectivas 2017

A tendência é de leve aumento no volume de produção dos principais hortifrútiis, em Minas. A economia brasileira parece estar se reestabelecendo e os custos de produção projetados para o ano próximo ano podem manter-se estáveis ou ter leve redução, já que o dólar mais baixo deixará insumos importados mais baratos. Nos primeiros meses de 2017 a expectativa é de que ocorram chuvas volumosas em Minas, próximo à média histórica. Com isso, a projeção é de alimentos com preços mais baixos, favorecendo o consumidor final.

MEIO AMBIENTE

A cada ano a temática ambiental ganha maior repercussão entre as pautas de maior relevância no mundo. Neste contexto, o equilíbrio do meio ambiente com o aumento da produção de alimentos se traduz pela palavra sustentabilidade. Por

outro lado, ainda há fome no planeta e a ONU calcula que a população chegará a 9,7 bilhões em 2050. O Brasil é o país com maior potencial para aumentar a produção de alimentos. A questão ambiental cresce também de importância quando são analisados os compromissos que o país assumiu na conferência sobre mudanças climáticas, em Paris. A agropecuária nacional terá grande participação para que o Brasil atinja as metas negociadas.

Programa Nosso Ambiente

Lançado pelo Sistema FAEMG em 2015 o Nosso Ambiente ganhou destaque em 2016 com a implementação de diversas ações de recuperação e preservação do meio ambiente em Minas, bem como de manejo e conservação de solo e água. Muitos locais tiveram a produção reduzida em função da falta de disponibilidade hídrica, chegando a 80%.

CAR (Cadastro Ambiental Rural/Programa de Regularização Ambiental)

O prazo do CAR, que venceria em 05/05/2016, foi prorrogado, inicialmente, para as propriedades rurais abaixo de 4 módulos fiscais, para 05/05/2017. Após reivindicações da FAEMG e CNA foi estendido para todas as propriedades e posses rurais, e o prazo, ampliado para 31/12/2017. A adesão foi de quase 100%, de acordo com informações do órgão ambiental.

A FAEMG participa ativamente, no âmbito da Secretaria de Meio Ambiente, das ações de regulamentação do PRA. Um grupo de trabalho será constituído para estabelecer as diretrizes e procedimentos necessários à sua adesão e execução no estado.

SISEMA

Apesar da aprovação de lei que modifica a estrutura operacional do SISEMA e do licenciamento ambiental no início deste ano, a liberação dos processos de Outorga e Licenciamento ainda está muito atrasada e as perspectivas não são animadoras.

III Seminário Ambiental

O Sistema FAEMG promoveu em BH a 3ª edição do Seminário Ambiental, com o tema *Resíduos, fertilização e bioenergia: boas práticas no meio rural*. Foram realizadas seis palestras e dois debates, com alternativas para produção de bioenergia e apresentações de casos de sucesso em diferentes cadeias produtivas do agronegócio.

É preciso pensar a questão dos resíduos, muito além do simples cumprimento de normas ambientais, pois o bom manejo se reflete também na saúde, qualidade de vida e ainda cria novas oportunidades econômicas para o produtor rural. Por meio do reaproveitamento de resíduos é possível transformar um problema em solução e renda.

O tema do III Seminário Ambiental está associado ao Acordo de Paris, no que se refere às mudanças climáticas, aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU e à Agenda Brasil 2030.